



Interface - Comunicação, Saúde, Educação

ISSN: 1414-3283

intface@fmb.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho
Brasil

Bichuetti, Jorge; Martins Mishima, Silvana; Matumoto, Silvia; Fortuna, Cinira Magali

O agente de saúde e a mudança: do espanto ao encanto

Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 9, núm. 17, março-agosto, 2005, pp. 433-438

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180114100024>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

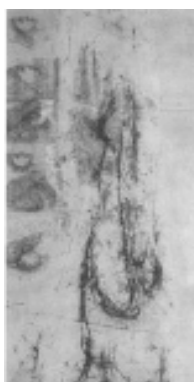
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O agente de saúde e a mudança: do espanto ao encanto*

The healthcare agent and change: from amazement to enchantment

El agente de la salud y el cambio: del espanto al encanto



Jorge Bichuetti¹
Silvana Martins Mishima²
Silvia Matumoto³
Cinira Magali Fortuna⁴

O trabalho: *diário de bordo*, analisado sob a perspectiva da mudança do agir e do próprio agente das práticas de saúde.

O evento: um seminário na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP.

Local: uma sala de aula da universidade, cheia de gente: o pessoal da lida sofrida do atendimento em saúde - agentes comunitários de saúde, enfermeiros do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e Programa de Saúde da Família (PSF), médicos, auxiliares e técnicos de enfermagem, pessoal da Unidade Básica de Saúde (UBS) e Unidade Básica e Distrital de Saúde (UBDS), do nível central da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), alunos da graduação e pós-graduação, docentes.

O motivo: deixar seus afazeres para numa tarde sentarem nos bancos da universidade e compartilharem esse espaço-tempo de criação de vida, para que possamos reavivar a vida em nós e transformar em produção de vida nossa tarefa de cuidar de outras vidas.

O tema: *PSF e sociedade mundial de controle - por uma prática transversal de inclusão, cidadania e solidariedade.*

Em debate: a crise da saúde e da família; a equipe; o controle que propõe um agir sem médicos e sem doentes, no sentido de monitorar e anular riscos potenciais; a dor de cuidar e a necessidade de refazer nosso modo de operar numa relação de inclusão, cidadania e solidariedade, isto é, um novo agir generoso, de vínculos e co-responsabilização, de cuidado humanizado e humanizante (Bichuetti, 2003a).

Estranhamento: coletivo heterogêneo, de homens e mulheres com saberes diferentes; num único espaço cruzam-se conhecimento científico e saber do povo e suas experiências vitais... Espanto pelo tema complexo e simples, teoria da última geração e reflexões do próprio dia-a-dia.

* Elaborado a partir de Seminário, parte do projeto de pesquisa "O trabalho de enfermagem em atenção primária na organização dos serviços locais de saúde", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.

¹ Diretor clínico, Fundação Gregório F. Barembliitt, Uberaba, MG. <utopiaativa@terra.com.br>

² Docente, Departamento Materno Infantil e Saúde Pública, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP. <smishima@eerp.usp.br>

³ Secretaria Municipal da Saúde de Ribeirão Preto; docente, Universidade de Ribeirão Preto. <smatumoto@uol.com.br>

⁴ Secretaria Municipal da Saúde de Ribeirão Preto; docente, Universidade de Ribeirão Preto. <cinirafortuna@yahoo.com.br>

ESPAÇO ABERTO

E espanto para uma pesquisa coletiva produzida no encontro: a confecção de um Diário de Bordo.

Um bloco de papel e uma caneta para fazer as anotações de tudo que passasse pela mente, pelo coração, pelo corpo — idéias, lembranças, opiniões, durante as quatro horas de trabalho coletivo.

De mão em mão, o diário correu a roda, viajou pelas pessoas; nele as pessoas registravam suas impressões, analisando-as. Assim pudemos trabalhar alguns elementos desta problemática nuclear nos serviços de saúde e nos projetos de mudança do modelo assistencial:

- Quem somos? Nós os atores das práticas de saúde...
- E para onde vamos? O que podemos levar?

Nós os que desejamos ver no dicionário das práticas cotidianas dos serviços de saúde as práticas se acoplando com a vida, na plenitude do que pode a vida.

Diário de bordo

Adotamos um método de pesquisa qualitativo, o estudo cartográfico.

A cartografia é um mapa-relato, objetivo e subjetivo, que expressa a singularidade desta viagem, embora sirva a outros “*para construir sua própria trajetória, sempre experimental, sempre aventureira*” (Barembliitt, 1998, p.59).

... é desenho em movimento de transformação de paisagens, inclusive paisagens psicossociais, que capta o desmoronamento de certos mundos — sentidos perdidos; e a criação de novo mundos e sentidos (Rolnik, 1989).

No relato anotam-se as ocorrências da viagem. Nele, um novo método – bricolagem; roubos, colagens... A intuição... Nada demasiadamente abstrato, nem concreto: relato de ressonâncias, experimentações... Que geram uma caixa-de-ferramentas (Bichuetti, 2003b) capaz de nortear, sem considerações *a priori*, novas experiências.

O diário de bordo contém notas, apontamentos de uma viagem. É único, singular. É também instrumento de apoio de novas e novas aventuras.

Aqui, ele foi usado com duplo sentido: o de uma técnica metodológica de investigação e o de um artefato vivo e vivificante de pedagogia, da Pedagogia Clínica desenvolvida por Amorim (2002), com inspiração no pensamento de Deleuze & Guattari (1966) e que introduz na educação o corporal-afetivo-e-experiencial da própria vida.

Contudo, se constatamos sua relevância pedagógica e sua riqueza enquanto instrumento de investigação, na cartografia identificamos a capacidade de criar um espaço e um tempo em que processos de subjetivação novos,

livres, se afirmam e se relevam.

A viagem

O espaço de encontro: no entre, subjetividades florindo um devir coletivo

Os serviços de saúde delimitam espaços rígidos.

O encontro é evitado. Cada um no seu lugar. O lugar do médico, do enfermeiro, do agente, do assistente social etc — e o lugar do usuário.

As reuniões são raras. Quando acontecem são hierarquizadas. Movem-se fabricando bodes expiatórios. Falta espontaneidade. O espaço se revela fecundo na gestação de um devir coletivo.

O encontro

Emerge o sentimento de se ser equipe.

O encontro foi, assim, percebido:

“O espanto nos olhos! O que isto? Não é uma aula? Uma palestra?”

- ... “um momento de vários aprendizados”
- ... “mais oportunidades de aprendizados”, “o momento é mágico, portanto, imperdível”
- “já percebi que aqui tem de tudo um pouco”
- e uma “possibilidade de compartilhar conhecimentos”

A potência do encontro só é possível de ser explorada se ela se dá permeada de *entre*, de espaços criativos (Bichuetti, 2003a):

- “Muitos de nós, diferentes viagens, sentir, descobrir, viver este momento tão rico de trocas, de contatos, de gente, de corpos, de desejos, de vida. Que bom tanta gente junto!”
- “O receio do encontro com o outro, do sentir o outro, do abraçar o outro” ... “não quer explicar, querer viver, sentir, amar”.

-“adoção de linguagem nova, olhar para o difícil. Superar a pequenez da iniciativa isolada, mesmo que não tenha a priori o projeto completo”.

O grupo diz: aqui não fomos atravessados pelo instituído (Baremlitt, 1994), e fomos agenciados, maquinamos um dispositivo instituinte coletivo.

Romperam-se as hierarquias formais, verticais do saber/poder instituído, e, também, a horizontalidade da série dos grupos amorfos, finalísticos e sem sentido/projeto comum. Não existe subjetivação livre, grupo sujeito sem o *entre*...

O *entre* criativo do encontro...

Espaço de criatividade, de liberação (Orlandi, 2000) dado pelo *entre*-momentos e *entre*-tempos... Ruína dos lugares predeterminado, do já previsto, do já prescrito e do já indiferente.

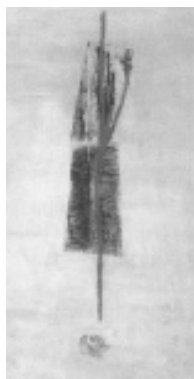
Ali, no encontro, podia-se criar; livres da rostidade dos representantes inquestionáveis do instituído.

Vozes relataram um devir coletivo:

- “Estrangeiros – viajantes de uma época em busca de nós próprios”
- aqui, o “trabalho em equipe”
- nele somos – “protagonistas na arena saúde”.

Este devir coletivo só se viabiliza quando, ao interagir, o agente de saúde como grupo-sujeito se transversaliza nas relações (Guattari, 1981).

Uma produção coletiva, somos... agentes de saúde.



O agente das práticas de saúde

O agente de saúde é uma construção coletiva que institui na prática de saúde um novo protagonista, coletivo e híbrido, feito de *experts* de várias especialidades e de *experts*-não *experts*-fabricados pela universidade da vida, gente do povo, da comunidade.

O agente de saúde:

é todo e qualquer trabalhador dos serviços de saúde;
 é membro de uma equipe;
 é um aprendiz, aprendendo a não se agredir, a cuidar de si, a dar valor às realizações e saberes coletivos, a conhecer a si e às pessoas da maneira como elas são (Lancetti, 2000).

O trabalhador de saúde possui uma subjetividade...

Dores ocultas: “cansaço”, “quanta saudade”, “um sorriso triste”, “o cansaço nos leva a não pensar”, “repensar ... solidão ausência”. Trazer para a realidade, “com o sono, está difícil manter olhos abertos”, “preciso relaxar”.

ESPAÇO ABERTO

Cuidamos. Acolhemos as lágrimas, as úlceras, as dores do humano.

Nossa prática – cuidar do humano.

Todavia, somos humanos. Com lágrimas, úlceras, dores... Temos tensões, desgaste, sonhos.

E labutamos reprimindo o humano, e nos pretendemos robóticos.

“Somos seres humanos e não máquinas. Precisamos ajudar aos outros”.

Adoecemos. Nossos filhos adoecem...

E nem sempre somos fortes para levar nossos filhos e deixarmos eles terminarem “sua jornada em nossos braços”.

O agente de saúde – sabe necessitar de espaço/lugar para que ele se sinta, se perceba e permita humano; para, então, devir-se cuidar.

Potências inexploradas: “o guia é o amor”, superado a tristeza de não saber sorrir, “prá começar, é só tentar”, “o pensamento navega, balança”, “respeitar o jeito de viver da pessoa”, dar “carinho, amor, compreensão”, “faça o que gostaria que lhe fizessem”...

Valores, sentimentos. Um devir amoroso, terno, solidário e generoso surgiram como signos da arte de cuidar, desejadas e identificadas na verticalidade do agente de saúde que se subjetiva na viagem da mudança, da “transformação-possibilidade” ... “uma benção de Deus”.

A mudança em saúde: revelou-se muito mais do que mera renovação técnica, ou do que uma inovação pragmática da política ou ainda do que uma novíssima descoberta do saber.

A mudança revelou-se uma máquina de produção de vida, articulada pela ação de transversalização de saberes e interconexão de sentires, materializando um processo em que se notará uma insígnia “Há vida na saúde”:

-“Devemos usar em tudo o que fazemos o sentimento, o coração, e sempre nos colocarmos um pouco no lugar do outro, e acreditar sempre que alguma coisa pode mudar”.

-... Entendermos uns aos outros, porque estamos só de passagem.

-“Aprimoramento, capaz de desenvolver o trabalho”

-“A paciência na vida é a melhor coisa pra mudar”

-“esperança que o sol venha a brilhar”

- e “que todos os agentes sejam respeitados”.

“Sonhar sempre”. “Querer é poder”... frases guerreiras de profissionais que já vimos, em outros espaços, resignados e submissos, descrentes e desmotivados.

A linha de fuga, de mudança, emergiu em relatos poéticos, de fé, sentimentais. Marcados por uma compreensão, a de que os serviços de saúde devem perder seu ar ciumento, asséptico e se fazerem mais afetivos, calorosos. Aconchego à dor e cumplicidade na estrada.

A experiência

Vivemos uma prazerosa viagem.

Nela, fizemos juntos boas descobertas.

Descobrimos a potência do vínculo amoroso, do devir equipe e do cuidado – encargo (co-responsabilização) como trajetórias da mudança em saúde.

Redescobertas, oportunas.

Re-descobrimos, também, o agente de saúde e nele pequenos nós corporativos.

Porém, talvez, a mais fecunda foi vivenciar um novo espaço de construção. A universidade-povo e o povo-universidade; os trabalhadores de saúde anotaram ressonâncias, recordações, opiniões e, anonimamente, gestaram um produto coletivo: o agente e a mudança... Dizeres que nos parecem ser a própria mudança em curso.

A felicidade, fique o leitor sabendo, tem muitos rostos.

Viajar é, provavelmente, um deles.

Entregue suas flores a quem cuidar delas, e comece. Ou recomece.

Nenhuma viagem é definitiva.

(José Saramago, 2003, p,14)



Referências

AMORIM, O. **Pedagogia Clínica: notas e comentários**. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002. (mimeogr.)

BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

BAREMBLITT, G. **Introdução à esquizoanálise**. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 1998.

BICHUETTI, J. **PSF e sociedade mundial de controle: por uma prática de inclusão, cidadania e solidariedade**. Uberaba: Instituto Félix Guattari, 2003a. (mimeogr.)

BICHUETTI, J. **A desmistificação do não-saber**. Uberaba: Instituto Félix Guattari, 2003b. (mimeogr.)

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Antiédipo**. Lisboa: Assírio e Alvin, 1966.

GUATTARI, F. **A revolução molecular**. Brasília: Brasiliense, 1981.

LANCETTI, A. Saúde mental nas entranhas da metrópole. In: JATENE, A. D.; LANCETTI, A.; MATTOS, S. A. F.; CRUZ, M. L. S.; RODRIGUES, M. S. M.; ROCHA, S. M.; DAVID, M. R. F.; MELO, V. L. A.; PEREIRA, W. A. B.; FRANCO, L.; GONÇALVES, P. L.; CASÉ, V.; CABRAL, B.; SILVA, M. C. F.; SAMPAIO, J. J. C.; BARROSO, C. M. C. **SaúdeLoucura7: saúde mental e saúde da família**. São Paulo: Hucitec, 2000. p.11-52.

ORLANDI, L. As linhas de ação de diferença. In ALLIEZ, E.(Org) **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SARAMAGO, J. **Viagem a Portugal**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



ESPAÇO ABERTO

This article is a cartography of a meeting of the employees of the healthcare services network, graduate and post-graduate students and professors, at a seminar at EERP-USP, at which the PSF Family Health Program was discussed, as well as the challenge posed by inclusive and solidary health practices. It is a group production recorded in a *log* in which affections and perceptions were recorded during the course of the seminar and then analyzed from the perspective of change and changing the style of action, as well as of the healthcare practice agents themselves.

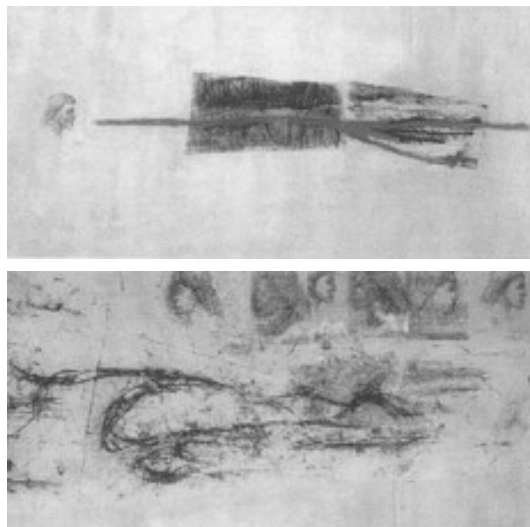
KEYWORDS: family health; subjectivity; cartography.

O presente texto é uma cartografia do encontro de trabalhadores da rede de serviços de saúde, graduandos, pós-graduandos e docentes em um seminário na EERP-USP que discutiu a temática PSF e o desafio das práticas de saúde inclusivas e solidárias. Trata-se de uma produção coletiva, registrada num diário de bordo no qual foram relatados afectos e perceptos durante o seminário e analisados sob a perspectiva da mudança, mudança do agir e do próprio agente das práticas de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: saúde da família; subjetividade; cartografia.

El presente texto es un análisis del encuentro de trabajadores de la red de servicios de salud, graduandos, graduados y docentes en un seminario en la EERP-USP que discutió la temática PSF y el desafío de las prácticas de salud inclusivas y solidarias. Se trata de una producción colectiva, registrada en un diario de abordó en el que fueron relatados afectos y preceptos durante el seminario y analizados bajo la perspectiva del cambio, cambio en la actuación y en el propio agente de las prácticas de salud.

PALABRAS CLAVE: salud de la familia; subjetividad; análisis.



SÍLVIA MECOZZI

Recebido para publicação em:18/03/05. Aprovado para publicação em: 13/06/05.